



RELATO DA EXPERIÊNCIA DE RESIDÊNCIA NO CAMPO EDUCACIONAL

Maria Eduarda Oliveira da Silva

RESUMO

O trabalho escrito relata a experiência de um dia de residência no campo educacional, com crianças do 1º ano do ensino fundamental (SESI Vila Leopoldina 414). O relato é feito sob a ótica de uma jovem de 18 anos, que perdeu o pai recentemente e que se mudou para São Paulo para estudar, sozinha, vivendo seu processo de cura e autoconhecimento. O campo acadêmico é repleto de idealizações, a residência é um momento de aprendizado, com acertos e erros, e também idealizado. Para os jovens, o mundo é pequeno demais, tudo pode ser desbravado, sonhos podem e devem ser realizados, a oportunidade de sair da casa dos pais para estudar e se descobrir é fascinante, mas entrar em sala de aula no papel de residente, com responsabilidades diferentes, logo após concluir o ensino médio e com anseio de mudar o mundo, transforma o jovem, de modo que ele passa a ser atravessado por vivências distintas do habitual. Sendo mulher, preta e pobre, não se trata apenas de um pedaço de papel ou apenas um diploma, trata-se de uma vida inteira, é possibilidade de ser e estar, de existir e vivenciar. O percurso de formação do estudante da área da educação passa a ser entendido como prática, não somente teoria. A residência constitui um processo formativo, um contato direto com os alunos, professores e a dinâmica tanto dentro das salas de aula quanto da escola em si. Ter a oportunidade de vivenciar tal experiência desde o início da formação capacita o futuro professor para a prática e para as adversidades ao longo da docência, fazendo-o compreender que a escola é um reflexo das relações sociais existentes e, conseqüentemente, um reflexo do ser humano com todas as suas complexidades.

Palavras-chave: Vivência; Relato; Residência; Campo educacional.

INTRODUÇÃO

Este trabalho abordará uma experiência pessoal vivenciada por uma estudante que está atualmente realizando a residência educacional no ensino fundamental. O escopo desta investigação será aprofundar a compreensão da importância da residência educacional tanto no contexto do processo de luto, uma vez que o objeto de pesquisa está passando por esse processo, quanto no âmbito do processo de aprendizagem. Vale ressaltar que experiências pessoais desempenham um papel relevante, já que, no ambiente da sala de aula, é de extrema importância considerar os conhecimentos de mundo dos alunos e as experiências do professor. O objetivo principal é destacar a relevância de aprender enquanto se ensina e a valorização da documentação das experiências vividas, pois são documentos que nos possibilitam a leitura daquele momento e daquelas demandas, fazendo-nos compreender determinadas atitudes e escolhas pedagógicas.

METODOLOGIA



A metodologia adotada para a condução da análise qualitativa dos dados obtidos por meio da observação empírica representa um pilar fundamental deste estudo. Além disso, há a participação mediada, em que os alunos interferem no processo por meio de mediação, para que se tenha participação pedagógica ao longo do processo. A abordagem qualitativa permite uma compreensão mais profunda e rica dos fenômenos observados, focando na qualidade e a complexidade das informações coletadas. Nesse processo, a observação empírica desempenha um papel crucial, pois permite aos pesquisadores imergirem no ambiente de estudo, coletando dados de forma direta e contextualizada. A análise qualitativa, por sua vez, envolve a categorização, interpretação e contextualização dos dados, buscando identificar padrões, temas e significados subjacentes. Ao combinar a observação empírica com a análise qualitativa, esta pesquisa visa não apenas descrever os eventos observados, mas também compreender profundamente suas nuances e implicações, contribuindo para uma compreensão mais abrangente do fenômeno em estudo.

REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, será abordado o referencial teórico que sustenta este estudo sobre a residência educacional, cuja pioneira é a Faculdade SESI-SP de Educação. A residência é um tema crítico no campo da educação, amplamente discutido no ambiente universitário, com foco na participação de todos os alunos, para que tenham a vivência do chão de sala desde o começo de sua trajetória na educação, como futuros docentes.

A residência se fundamenta em várias teorias, incluindo de Paulo Freire, que enfatiza a importância da prática, ressaltando a necessidade de conectar teoria e prática.

O projeto é obrigatório para todos os alunos matriculados e visa à experimentação do ambiente escolar a partir de uma perspectiva diferente, a de observador, e, em alguns momentos, a de residente participante. No primeiro ano de graduação, o estudante tem o papel de observar a dinâmica da sala de aula, do professor e dos alunos, Já no segundo ano de graduação, o estudante tem a possibilidade de participar de alguns momentos da aula, podendo ajudar o professor e mediar atividades. Nos anos finais, o regente da sala, no caso do fundamental 1, ou o professor específico que o residente acompanha, oferece a oportunidade de ministrar algumas aulas ou, em determinados momentos, orientar atividades e projetos.



A residência também enfrenta desafios significativos. Barreiras físicas, atitudinais e pedagógicas podem dificultar a implementação eficaz do projeto. As barreiras físicas dizem respeito ao encaixe de todos os alunos em alguma instituição, além da adaptação deles no ambiente, o que nem sempre ocorre. A Faculdade conta com mais de 400 estudantes, sendo estes da zona sul, leste, oeste e norte. Portanto, a logística é diferente para cada aluno, pois não tem escolas SESI significativas em todas essas regiões, e quando tem, são de difícil acesso à faculdade, localizada no SESI da Vila Leopoldina. As barreiras atitudinais são relacionados ao papel do residente e como ele se enxerga nesse espaço, ao papel do professor e como ele enxerga o residente, e o papel da coordenação de cada escola e como ele enxerga o residente. Já a barreira pedagógica é diz respeito ao processo de muitas vezes não se identificar com o professor e nem com a aula do professor que é acompanhado, mas entender e internalizar que é importante estar com esses professores, porque o processo formativo se forma nessas situações também.

O benefício da residência é não entregar esse futuro professor em uma sala de aula já formado, sem ter dimensão do que é ser um professor, sem ter a percepção de tudo que envolve o “ser professor”, como o planejamento de aula, planejamento do tempo, diário de classe, correção de prova, formulação de prova e a frustração de nem toda aula ser proveitosa e produtiva, além da relação entre professor-aluno/ professor-família/ professor-escola.

Este referencial teórico fornece a base conceitual necessária para entender a importância da residência educacional no processo formativo e o motivo da escolha de relatar uma experiência de um dia de residência. Ao explorar as teorias, vivências e práticas relacionadas à residência, podemos analisar as complexidades desse tema e avaliar seu impacto na aprendizagem e na formação dos futuros professores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tem dias em que nós acordamos e sentimos que podemos mudar o mundo, salvar vidas da deseducação, da ignorância, da carência, da desumanidade. Até ler uma notícia de que uma professora foi morta em sala de aula, a facadas por um aluno, ou até ver nos jornais ondas de atentados a creches e escolas, nesses dias, as ideologias caem por terra. Nós acordamos e nos sentimos insustentáveis, invisíveis, insignificantes, e sentimos que não há o que salvar.



Quando o pai da educanda faleceu, seu amigo e professor de matemática desde os anos iniciais da escola, ela descobriu que a educação salva vidas. Afinal, foi isso que ele ensinou: o amor pelas palavras, pela forma e pela construção. Saber que o outro pode, mesmo que o outro ainda não saiba. Foi o que a fez querer ser professora, foi o que a fez continuar viva, mesmo em dias em que não se sentia viva. No entanto, descobre-se que uma só pedrada de um aluno te faz questionar tudo, te faz ter raiva, medo e angústia.

Dia 30 de março, no começo da tarde, entre meio dia e uma hora, ela pediu para que Alisson descesse do morro, que não tem proteção nenhuma e que é perigoso. No entanto, ele não desceu, correu quando a residente foi mais dura. Ele a atirou uma pedra, e a mesma gritou, berrou na verdade, com uma criança de 6 anos, e nessa situação se viu impotente. Sua voz apenas saiu, destilou raiva pelas cordas vocais, e descobriu que o grito não fere somente o destinatário, o remetente também sente. Chorou, de raiva, arrependimento, vergonha, tristeza e decepção. A única coisa que queria era seu pai; ele a teria confortado e dado um bom conselho.

Ligou para a sua avó, para sua mãe e, por fim, pensou: usamos as ferramentas que temos no momento. A minha foi o grito, e eu corri atrás do menino pela escola inteira antes da pedra. Corri para cima e para baixo, de um lado para o outro, pedindo para que ele fosse para a sala, mas nada adiantou. Talvez, mas só talvez, eu pudesse ter feito diferente, mas nada me passou a mente. Será que o Alisson internalizou o grito da mesma forma que eu? Será que ele sentiu medo e por isso lançou a pedra? Ou sentiu raiva?

E depois passou a interpretar a situação de maneiras diferentes em dias diferentes, ora com raiva, ora arrependida, ora com carinho, não só por ela, mas pela criança que proporcionou algum tipo de aprendizado sem intenção alguma. Aprender a lidar com mentes diferentes, necessidades diferentes, anseios diferentes, pulsões diferentes, medos diferentes, felicidades diferentes, conquistas diferentes, e sonhos diferentes, é isso que faz o professor. Naquele dia, aprendeu que os seres humanos possuem medos diferentes. A residente tem medo de ser uma péssima professora¹ e a criança, aos olhos da residente, teve medo dela; a pedra foi uma defesa. Aprendeu também que as crianças não são a personificação de unicórnios fofos e brilhantes². Eles são seres autônomos, e muitas vezes essa idealização que

¹ De acordo com a residente, uma péssima professora seria aquela que utiliza da comunicação violenta para se reportar aos alunos, inibindo-os de expressarem suas dúvidas e enseios.

² A expressão utilizada se refere a ideia de que crianças não são seres autônomos e que conseqüentemente não possuem desejos, anseios e demandas individuais.



os adultos criam das crianças atrapalha no processo de formação, tanto da criança quanto do adulto.

A inspetora o buscou e o levou até a sala. Ela não tinha condições de fazer mais nada depois do grito. Dentro de uma escola, se enxerga um outro mundo. Aquele ambiente é a casa de muitos, mas também é o castigo de outros. A constituição e os sentimentos dados por cada um são diferentes. O que ela interpretou daquele aluno foi uma mistura: carência, raiva e diversão.

Havia tantas possibilidades para aquele momento. Poderia ter chamado outra pessoa. Poderia ter tentado conversar mais uma vez com a criança. Poderia ter chamado a atenção dele para outra coisa. Poderia ter sugerido brincar de pega-pega com ele. Enfim, tantas possibilidades que não passaram pela cabeça no momento. Ali teve a certeza de que o processo formativo é prática³. Para além de provas e trabalhos da faculdade, a formação se constrói na prática. São momentos em que você está em ação e depois reflete sobre o que aconteceu, sentindo orgulho ou culpa. Aquilo se transforma em mais um capítulo do seu livro, que é único e intransferível.

Os sentimentos e emoções que um único ambiente proporciona são sufocantes às vezes. Talvez a única forma que ele tenha de ter ar é correr por todos os lados e causar estresse para ter atenção e sair da carência. Crianças são seres pensantes e emocionais, com intenções muitas vezes. No texto da Maria Cunha, *“Conta-me Agora!: As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino”*, ela diz a seguinte frase: *“Assim como a experiência produz o discurso, este também produz o relato”* (CUNHA, 1997), e de fato, a experiência produziu todas essas linhas, mistos de sentimentos, emoções e ações, produziu história e vivência.

Após todo esse relato, uma questão que foi dita inicialmente não se concluiu: o processo de cura. Em *“Luto e Melancolia”* (1917), Sigmund Freud conceitua o luto como *“a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém, e assim por diante”* (p. 129). Ademais, de acordo com o autor e a obra já citada, esse processo é findado naturalmente, pois *“[...] jamais nos ocorre ver o luto como um estado patológico e indicar tratamento médico*

³ Apesar dessa certeza, a estudante diz saber que o processo formativo depende de um misto de prática e conhecimento teórico, constituindo a práxis.

para ele [...] confiamos que será superado após certo tempo, e achamos que perturbá-lo é inapropriado, até mesmo prejudicial” (Freud, 1917, p. 129).

A partir das máximas, pensa-se então: se o luto se supera naturalmente, nada posso fazer? Na verdade, fazemos. Tentamos viver expectativas do finado, ou continuar com costumes e tradições que vivemos com o indivíduo, para que de alguma forma ele ainda esteja conosco e entre nós.

A educanda passou na Universidade Federal de Alfenas para Ciências Sociais e para História. Passou também em Direito no Instituto Zumbi dos Palmares. Por fim, passou na Faculdade Sesi-SP de Educação. Sua trajetória foi construída dentro do Sesi, do ensino fundamental 1 ao ensino médio. Quem a colocou na instituição foi seu pai. Ele faleceu durante seu ensino médio. Logo, a escolha da faculdade foi um pilar de suma relevância. Apesar do seu desejo de fazer Ciências Sociais, escolheu a Faculdade que mais a aproximava de seu pai: a Faculdade Sesi-SP de Educação.

Todos os acontecidos vividos durante a residência educacional, desde os afetos até os desafetos, os choros e sorrisos, as risadas e os gritos, as observações e as participações, as construções e desconstruções de vínculos, os movimentos de aprendizagem que nunca se encerram, fazem parte desse processo de cura. Basta olhar para a escola como um lugar de aprendizado, não somente das coisas do mundo, mas das pessoas, das relações e de si mesmo.

Ter a oportunidade de vivenciar o chão de sala de aula antes de ser um professor faz com que algumas idealizações se desmanchem, como diz Elza Soares na segunda estrofe da música Exu nas Escolas: “Percebendo que às vezes não dá pra ser didático”. Ou ainda a ideia de que a educação liberta, mas devemos pensar: qual educação? Quais histórias estão sendo contadas? São essas problematizações que se tem a possibilidade de fazer quando se observa a sala de aula, os alunos, os materiais usados e a forma como a educação se consolida e se articula. Portanto, esse leque de vivências constrói o ser e o modifica, e o ser modifica seu ambiente a partir dessas vivências.

Paulo Freire, educador e filósofo brasileiro de grande prestígio, abordou a importância da prática e da teoria em sua obra "Pedagogia do Oprimido" (1970). O autor diz: “Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender, participamos de uma experiência total, diretiva, política, ideológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a serenidade” (FREIRE, 1996, p. 24). A partir da máxima, entende-se que reflexão e prática devem coexistir, formando um indivíduo



autônomo e crítico, fazendo com que pesquisa/ação possam se unir. Logo, o processo de estar vinculado à sala de aula e à faculdade, possibilita esse movimento que Freire menciona.

Nada prepara para o despreparo eterno que é ser um professor, ou para lidar com tantas demandas diferentes em situações distintas, mas a prática pode ajudar a entender todos esses processos. Afinal, o que move um futuro professor pelo caminho da docência? Será que as motivações de um estudante de licenciatura que passa pela residência educacional é o mesmo de um estudante que só terá acesso às salas após se formar?

A experiência pela qual a residente passou pode ser vivida por todos, inclusive por mim. Estar nas instituições de ensino, em qualquer posição que seja, é estar vulnerável a sentir, seja esse sentir bom ou ruim. E se permitir afetar e ser afetado é uma das pilastras do processo educativo e curativo. Aprende-se a mais genuína forma de confiança, que é quando o aluno se concede ser tocado pelo que é passado pelo professor. E, ao contrário, quando o professor se concede ser tocado pelas experiências, anseios e questões dos alunos.

Aprende-se também que professor é gente, e é gente que chora, grita, sorri e ri, que se cansa, mas que é movido por algo, ideologia ou sonho, que o faz estar lá. E aluno também é gente. Há de se desmistificar a ideia e/ou o desejo de que são robôs, feitos para decorar formulas e aplicá-las em provas. Ou o pensamento de que são folhas em branco, sem medos, desejos, vontades, dores, sonhos e expectativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo abordou o relato de uma experiência real no campo educacional, dentro do programa de residência da Faculdade SESI-SP de Educação. Ao longo deste relato, foram analisados diversos aspectos, incluindo o luto e sua influência nas escolhas de vida, o olhar de residente e as problematizações que devem ser feitas sobre a escola e o que significa esse ambiente, tanto para o aluno quanto para o professor.

É evidente que o processo de residência educacional possibilita o preparo do futuro professor, evitando idealizações e fazendo com que o indivíduo explore o ambiente escolar, as nuances existentes, as demandas e os alunos, que são diversos. Isso também faz com que o residente passe por diversas metodologias de aula, que varia de professor para professor. Portanto, este estudo não apenas expande nosso entendimento sobre esse projeto da Faculdade SESI-SP de Educação, mas também sugere uma nova maneira de formação de professores, a



partir da vivência desde seu primeiro semestre na graduação, possibilitando processos tanto internos, consigo mesmo, quanto externos, com o outro. Afinal, as trocas e mutações estão sempre em constância dentro das escolas.

No entanto, é importante reconhecer que este estudo tem suas limitações, como um único relato que foi universalizado para trazer o ponto central, que é a importância da residência e o processo do luto, que molda as nossas escolhas e relações dentro dessas escolhas.

Futuras pesquisas podem abordar essas limitações explorando mais relatos, buscando maior diversidade e como a residência os atravessa, além de vincular a questões sociais. Como a residência atravessa um homem ou uma mulher transgênero? Como a residência atravessa uma mulher ou um homem preto? Como a residência atravessa um homem ou uma mulher PcD? Como a residência atravessa um educando estrangeiro? Como a residência atravessa um estudante LGBTQIAPN+? Como a residência, em uma escola particular, com todos os recursos que o SESI dispõe, atravessa um aluno que sempre estudou em escola pública? Esses recortes podem gerar uma pesquisa de grande relevância.

Estudos no campo da psicologia podem e devem contribuir, pois o luto não vem somente com a morte de um ente querido. Vivemos também em um constante luto de nós mesmos, por todas as decisões que tomamos e deixamos de tomar, ou de quem éramos e de quem pretendemos ser.

Em última análise, este artigo contribui para o corpo de conhecimento em educação e residência educacional durante cursos de licenciatura e oferece uma base sólida para pesquisas futuras. Espera-se que este trabalho inspire novos estudos e promova discussões construtivas em torno do que foi abordado ao longo deste artigo. O progresso contínuo nesse campo é essencial para que futuros professores tenham a oportunidade de se entenderem, para entenderem o outro e entenderem tudo que abarca uma escola, e mais precisamente, uma sala de aula. Observações e registros dos próprios residentes são valiosos, pois são fontes diretas de como esse processo funciona e o quanto é relevante.

Através desta pesquisa, a autora espera ter fornecido uma visão perspicaz e significativa de residência e luto. À medida que avançam, é imperativo que continuem a explorar e compreender como se dá o processo educativo, para quem ele funciona e para quem ele não está funcionando. Porque, se o futuro da nação são os estudantes, se quisermos indivíduos que questionem e problematizem, é necessário entender o que deu e o que vem dando errado ao longo desses anos para enfrentar os desafios que se apresentam. Construindo



uma educação mais afetiva, crítica e humana, em que os alunos possam ver aplicabilidade e se sentirem pertencentes ao espaço escolar, se apropriando dele.

REFERÊNCIAS

CUNHA, I. M. Conte-me agora! : As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. Rev. Fac. Educ., São Paulo, v.23, n.01/02, pag.185-195, jan./dez. 1997. Disponível em < <https://www.scielo.br/j/rfe/a/ZjJLFw9jhWp6WNhZcgQpwJn/?lang=pt> >.

Souza, Andressa Mayara Silva; Pontes, Suely Aires. As diversas faces da perda: o luto para a psicanálise. Analytica | São João del-Rei | v. 5 | n. 9 | p. 69-85 | julho / dezembro de 2016. Disponível em < <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/analytica/v5n9/07.pdf> >.

SOARES, Elza. Exu nas Escolas. [Intérprete: Elza Soares]. Gravadora Deckdisc, 2018. Streaming. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=NmDsmHtOgyw> >.

FORTUNA, Volnei. A RELAÇÃO TEORIA E PRÁTICA NA EDUCAÇÃO EM FREIRE. REBES - Rev. Brasileira de Ensino Superior, 1(2): 64-72, out.-dez. 2015. Disponível em < https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4653457/mod_data/intro/A%20rela%C3%A7%C3%A3o%20teoria%20e%20pr%C3%A1tica%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20de%20paulo%20freire.pdf >.